

**DISCURSOS CONTRA LULA E O PT: EXPRESSÕES DO ÓDIO NO
CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO NO PRÉ-IMPEACHMENT DE
DILMA ROUSSEFF**

Luciana Silvestre Girelli *

**SPEECHES AGAINST LULA AND THE PT: EXPRESSIONS OF HATE IN THE
BRAZILIAN POLITICAL SCENARIO IN THE PRE-IMPEACHMENT OF DILMA
ROUSSEFF**

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre os discursos de ódio direcionados ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e ao Partido dos Trabalhadores (PT) no pré-impeachment de Dilma Rousseff da Presidência da República, a partir da análise das cartas dos leitores do jornal O Globo. Apresenta algumas possibilidades de interpretação para essa intolerância, como a rejeição aos pobres e o medo do “perigo comunista”.

Lulismo. Antipetismo. Discursos de ódio. Impeachment Dilma Rousseff.

Abstract

This article proposes a reflection on the hate speech addressed to former President Luiz Inacio Lula da Silva and the Workers' Party (PT) in the pre-impeachment of Dilma Rousseff of the Presidency of the Republic, based on the analysis of letters from the newspaper's readers The globe. It presents some possibilities of interpretation for this intolerance, such as the rejection of the poor and the fear of the "communist danger".

Lulism. Antipetism. Hate speeches. Impeachment Dilma Rousseff.

* Mestre em Política Social (UFES), especialista em Educação Comunitária (UFES) e graduada em Ciências Sociais - Bacharel (UFES) e Comunicação Social - Jornalismo (UFES). Atualmente, cursa Licenciatura em Ciências Sociais (UFES). Sua ênfase de estudos relaciona-se à Mídia e Política, Mídia e Movimentos Sociais, Sociologia da Cultura e Pensamento Social Brasileiro. Possui trajetória de atuação profissional vinculada aos movimentos sociais do campo e, atualmente, trabalha como Analista de Suporte em Desenvolvimento Rural (Comunicação Social), na Gerência de Transferência de Tecnologias e Conhecimento, do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper). E-mail: lucianasgirelli@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de refletir sobre os discursos de ódio direcionados ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e ao Partido dos Trabalhadores (PT) no período que antecedeu a destituição de Dilma Rousseff do cargo de Presidente da República no Brasil, em 2016. Entende-se que esse período foi de grande polarização na conjuntura política brasileira, marcado por episódios visíveis de intolerância, seja em manifestações de rua, seja nas redes sociais e na grande mídia, contra as figuras políticas de Dilma, do ex-presidente Lula e do seu partido político.

A proposta deste artigo, além de evidenciar esses discursos de ódio, é apresentar algumas possibilidades de interpretação teórica para essa intolerância, demonstrando que a rejeição citada vai além da figura pública de Lula e seu partido, estando vinculada a uma rejeição aos pobres e à ideia do ressurgimento do “perigo comunista”. A importância, portanto, de discorrer sobre essa temática reside no fato de que é necessário entender os acontecimentos recentes da história política do país também a partir de questões estruturais da própria formação social do Brasil, já que eles revelam muito do pensamento conservador que sedimenta a sociedade brasileira. Assim, este artigo não busca apenas demonstrar o discurso de ódio contra Lula e o PT, mas tenta compreender a gênese dessa intolerância em questões mais profundas que permeiam a história e formação do país.

Para isso, realizo a análise da seção de cartas dos leitores do jornal *O Globo*¹, publicadas aos domingos, durante os seis meses anteriores ao afastamento da presidente Dilma Rousseff da Presidência da República pela Câmara dos Deputados. Foram 24 edições de jornal veiculadas entre 01 de novembro de 2015 e 10 de abril de 2016, nas quais foram publicadas 395 cartas, seja por meio de emails de leitores ou por postagens de redes sociais. Esse material apresenta a opinião de diversos brasileiros²

¹ A escolha pelo jornal *O Globo* ocorreu por ele ser o 2º maior jornal impresso do país em termos de circulação, conforme dados da Associação Nacional de Jornal (ANJ). Segundo informações do próprio periódico, *O Globo* possui 1.281.000 leitores e circula de segunda a domingo. Nos dias úteis, são produzidos 142.449 exemplares e aos domingos, 186.590, o que justifica, ainda, a escolha pela análise das cartas justamente nesse dia da semana.

acerca dos acontecimentos políticos do país naquele determinado período, sendo uma importante fonte para extrair o pensamento sobre a situação política nacional.

Do total de cartas analisadas, 33 trataram especificamente do tema Lula e 37 abordaram como assunto Lula e o PT, conjuntamente, numa referência ao que se denominou de “Lulopetismo”. Dos leitores que enviaram as mensagens apenas sobre Lula, 25 (75,7%) são homens e 8 (24,2%) são mulheres. Em termos de localização, 90,62% são do Rio de Janeiro, 6,25% de São Paulo e 3,12% de Minas Gerais. Já os que abordaram Lula e o PT, 31 (83,78%) são homens e 6 (16,21%) são mulheres. Em relação à localização, 75% são do Rio de Janeiro, 16,6% de São Paulo, 5,5% de Brasília e 2,7% de Minas Gerais³.

É importante esclarecer que, em termos de metodologia, em primeiro lugar, procedeu-se a uma leitura atenta de todas as cartas da referida seção do jornal no período mencionado, destacando os principais temas e conteúdos abordados em cada uma delas. Posteriormente, agruparam-se aquelas que continham a recorrência de opiniões acerca do ex-presidente Lula como personalidade e figura pública; e as que abordavam conjuntamente as ações de Lula e do PT, como uma forma peculiar de agir na política brasileira, o dito “Lulopetismo”. Dessa forma, chegou-se ao quantitativo de 70 cartas como material de análise para esta publicação.

Feitas as considerações preliminares, destaco que o artigo estrutura-se em duas partes principais: a apresentação dos discursos de ódio contra Lula e o PT contidos nas cartas, bem como uma breve análise sobre esse conteúdo; e apontamentos teóricos que ajudam a entender a gênese desses discursos de intolerância.

² É importante destacar o perfil dos leitores do jornal *O Globo* a fim de inferir um perfil dos autores das cartas que foram analisadas. Segundo o próprio jornal, em termos de classe social, 15% dos leitores são da classe A, 50% da B, 28% da C e 6% da classe D e E. Em termos de escolaridade, 39% possuem ensino superior completo, ao passo que 22% possuem ensino médio e 14% ensino fundamental. Em termos de gênero, 52% dos leitores são do sexo masculino e 48% do feminino. A faixa etária é bem distribuída, sendo a maioria (20%) de leitores acima de 60 anos, 19% ficam na faixa etária entre 30 e 39 anos, 18% entre 20 e 29 anos, 16% entre 40 e 49 anos e 12% entre 10 e 19 anos de idade. Tendo em vista esses dados, percebeu-se que os leitores e possivelmente os autores das cartas são, em sua maioria, da classe média e alta, com elevado grau de escolaridade, sendo mais de 50% com idade acima de 30 anos e do sexo masculino.

³ As únicas informações sobre os autores das cartas de que se têm conhecimento por meio do jornal são seus nomes e a localização geográfica.

DISCURSOS CONTRA LULA E O PT:

OS DISCURSOS DE ÓDIO NAS CARTAS DOS LEITORES DO JORNAL O GLOBO CONTRA LULA E O PT

As cartas dos leitores do jornal *O Globo* cuja temática é centrada na figura de Luiz Inácio Lula da Silva, seja como liderança política, seja como ex-presidente da República, retratam, em sua maioria, seu envolvimento nos casos de corrupção investigados pela operação Lava-Jato, bem como seu comportamento diante dessas investigações. De maneira geral, o ex-presidente é muito criticado e ressalta-se seu processo de degradação moral, numa perspectiva de desconstrução de sua imagem de forte liderança popular.

Em diversas cartas, Lula aparece como dissimulado, mentiroso, vítima, como se ele fingisse ser da forma como é com o objetivo de ludibriar a população. O ex-presidente aparece na representação de um papel, o que pode ser evidenciado por trechos que mencionam sua atuação como ator e circense. Seguem abaixo algumas cartas relacionadas a esses aspectos:

Se Lula, em vez de utilizar o Instituto Lula, usasse um palco de teatro para falar que não existe nesse país ninguém mais honesto que ele, certamente seria um sucesso de público que pagaria para assisti-lo, por ser um excelente artista. Só este fato seria motivo de muitas gargalhadas, porém, como seu repertório é muito maior, isto o caracterizaria com certeza como o melhor comediante do país. Como Lula é uma pessoa pública, que não se aventurou no mundo das artes, ao dizer ser a pessoa mais honesta do país é sucesso, por enquanto, somente no Instituto que leva seu nome – Sid Monteiro, Rio de Janeiro (O GLOBO, 24/01/2016, p. 17).

O ex-presidente Lula não possui essa pureza d'alma por ele proclamada. Aliás, quem é verdadeiramente honesto não alardeia essa condição, pelo contrário, espera que aflore e que sejam reconhecidos seus sentimentos, seu caráter, sua integridade moral, sua conduta ética, profissional e familiar, e outros predicados. [...] – Maria Auxiliadora Campos Sales, Rio de Janeiro (O GLOBO, 07/02/2016, p. 15).

Representando viver no mundo da lua - uma vez que nunca sabe de nada – o ex-presidente vive, na verdade, no mundo do Lula, que criou em torno de si, onde ele e os seus tudo podem e a ninguém devem explicações. Um mundo onde imperam cinismo, mentira, desfaçatez, negócios escusos, amizades espúrias e favores indecentes. Onde a moral e os bons costumes são desprezados por quem se sente um ser superior, acima do bem e do mal – Maria Bethânia Passarelli, Rio de Janeiro (O GLOBO, 14/02/2016, p. 15).

É triste ver um ex-presidente mentir tanto. É doloroso saber que ganhou duas eleições enganando a maioria dos eleitores, levada a esse erro pela mesma artimanha. [...] – José Mafei, Rio de Janeiro (O GLOBO, 14/02/2016, p. 15).

Lula classificou sua condução para depor como espetáculo midiático. Na verdade, sua fala na sede do PT é que foi midiática e circense. Muitos que estavam ali o aplaudiam, enquanto destilava mentiras, desviando-se do cerne da questão: como ele e sua família desfrutam de uma vida nababesca. Disse apenas uma verdade, ao se considerar uma jararaca – José de Lima Valverde Filho (O GLOBO, 06/03/2016, p. 17).

Lula [...] gosta de travestir-se de santo quando discursa para fazer propaganda dos seus feitos e do seu partido. No entanto, quando quer atacar alguém ou alguma instituição, mostra sua verdadeira índole [...] – Paulo Rinaldo Fonseca Franco, Rio de Janeiro (O GLOBO, 13/03/2016, p. 17).

Em diversas passagens, Lula também aparece como inimputável, acima da lei e do “bem e do mal”. É mencionado como corrupto, acusado de enriquecimento ilícito e visto como imoral, novamente mentiroso, e baderneiro, dando a entender que é uma pessoa que insufla os ânimos da população e dos movimentos sociais, o que, por sua vez, seria algo ruim. Nas cartas, percebe-se o desprezo pelo modo de Lula se comunicar com seu eleitorado e suas menções à possível solidariedade com a economia de países na África como uma falha. Ao fim, acusa-se Lula de um poder sobre as massas, de incitá-las a algo como uma “revolução”.

A entrevista do ex-presidente Lula depois de depor à Polícia Federal foi um espetáculo midiático. Em tom rancoroso, nada esclareceu. Os brasileiros não estão interessados em barco de pesca, pedalinhas e muito menos nos presentes que ganhou na Presidência, como trono africano. Ele perdeu a oportunidade de dar as explicações de maneira serena. Convocar movimentos sociais só acirra os ânimos. Referências às eleições de 2018 não fazem sentido – José dos Reis Lima, Rio de Janeiro (O GLOBO, 06/03/2016, p. 17).

[...] Agora que a Lava-Jato chegou nele, está incitando os militantes petistas! Isso é um perigo que vai fugir até ao controle dele! Prestem atenção nisso! Insuflar brasileiros contra brasileiros é crime! Ou não é? – Ana Maria Castro, Rio de Janeiro (O GLOBO, 06/03/2016, p. 17).

Frase do ex-presidente Lula dita no passado: “Pobre quando rouba vai preso. Rico quando rouba vira ministro. Lula foi pobre e hoje é rico. Nunca antes na História deste país uma frase adaptou-se tão bem ao momento atual – Luiz Fernando Viola, Rio de Janeiro (O GLOBO, 27/03/2016, p. 17).

Entretanto, o carisma e a liderança do ex-presidente são dignos de reconhecimento, em que pese como um atributo depreciativo, ou por enganar as pessoas ou porque seria uma estratégia do PT para se manter no poder. Acima de tudo, as cartas buscam a destruição da imagem de líder carismático por meio da forte caracterização do político corrupto. Em diversas passagens, constrói-se uma polarização entre cidadãos de

DISCURSOS CONTRA LULA E O PT:

bem e o político Lula, entendido como “mal”. São os cidadãos de bem aqueles que enxergariam a farsa do carisma (e do caráter) de Lula.

[...] Ressalta aos olhos que a fortuna da família Lula não foi só adquirida com o salário de presidente em 12 anos. Isso prova que sua blindagem foi muito bem construída. [...] – Francisco Jacobina Neto, Rio (O GLOBO, 08/11/2015, p. 13).

O que me impressiona é a carência de liderança do povo. O governo, inerte, traz a revolta e o assombro de ver renascer um político já fora do comando ser “querido” por uma parte da população. Se o PT não estivesse no poder, poderíamos tentar entender... – Roberto Solano (O GLOBO, 06/03/2016, p. 17).

Em seu irretocável artigo “O sonho esmorece, em um dia triste”, Ancelmo⁴ Gois alude à declaração de Fernando Henrique, segundo a qual “Lula é um líder popular”. Mas, diante de tão gritantes evidências, como mantê-lo intacto? Que pena! – Homero Vianna Júnior, Rio de Janeiro (O GLOBO, 06/03/2016, p. 17).

Parafraseando nosso brilhante jornalista Ancelmo Gois, diria que, na conjuntura atual, líder de massa é o cacete. Se a jararaca, ao que tudo indica, se locupletou no poder, via empreiteiras, graças à roubalheira da Petrobrás, será responsabilizada criminalmente, com a cabeça e o rabo – Paulo César Soares Cabral, Rio de Janeiro (O GLOBO, 13/03/2016, p. 17).

Tendo em vista a seleção das cartas acima no que tange ao ex-presidente Lula, pode-se afirmar que há uma forte tentativa de manchar, deturpar ou corromper a sua imagem, ou seja, seu carisma popular. Nota-se que apenas criticar os resultados das medidas dos governos petistas não é suficiente para sua desmoralização. É preciso desconstruir a imagem de Lula como uma das maiores lideranças políticas populares de massas no Brasil e também reconhecido no exterior, o que foi feito, nas cartas, pela sua associação a casos de corrupção e atitudes moralmente reprováveis.

Como dito anteriormente, as cartas analisadas por este artigo também abordaram como tema as ações do PT como o grupo político que esteve à frente da presidência do país por mais de uma década, fazendo menção a um mesmo tipo de prática política vinculada a governos mais progressistas. Além disso, essas cartas envolvem citações a

⁴ Ancelmo Gois é colunista de *O Globo* e publicou, em 05/03/2016, um artigo intitulado “O sonho esmorece, em um dia triste”, no qual afirma que Lula frustrou milhões de brasileiros na medida em que aceitou favores pessoais milionários de empreiteiras. O artigo encontra-se disponível em <http://noblato.globo.com/artigos/noticia/2016/03/o-sonho-esmorece-em-um-dia-triste.html>

outros governos populares latino-americanos. Pode-se afirmar, de forma geral, que abordam a atuação de grupos de centro-esquerda.

Nessas cartas, aponta-se que os governos petistas quebraram o país e são responsáveis pela crise econômica e política. Cita-se muito o excesso de gastos públicos, o fato de o governo gastar mais do que poderia, o aumento de impostos e o “roubo” das estatais, com destaque para a Petrobrás. A experiência dos governos do PT é vista como uma “aventura sem rumo”, sem responsabilidades ou compromissos com o país:

Surreal Dilma, Lula e demais políticos do PT dizerem que se sentem “indignados” com o pedido de abertura do processo de impeachment contra a presidente Dilma. Se este é o sentimento deles, qual seria, então, o do povo que está desempregado, tendo de conviver com uma inflação atingindo dois dígitos e assistindo a políticos, principalmente os do PT, enriquecendo com os roubos nas estatais? Será que eles ainda não perceberam que essa demagogia hoje só está convencendo 10% da população que ainda insistem em acreditar neste governo? – Marcos Coutinho, Rio de Janeiro (O GLOBO, 06/12/2015, p. 17).

O discurso do PT de que a crise econômica do país é em função da crise política é uma falácia. Que esta também atrapalha é óbvio, mas as crises econômica e política foram causadas pelo próprio governo que está aí. Sobre a política é só lembrar das alianças espúrias que o governo teve que fazer para se sustentar – vide o mensalão –, e com relação à econômica não precisa consultar um economista: basta perguntar a qualquer dona de casa. Se gastar mais do que recebe a conta não fecha. Chega de mentiras – Juca Serrado, Rio de Janeiro (O GLOBO, 20/12/2015, p. 19).

[...] Essa é mais uma performance negativa do país, juntamente com inflação, recessão econômica, estouro da dívida pública, desemprego, déficit público, forte queda da Bolsa de Valores, perda da confiança do empresariado etc. Resultado de 13 anos do lulopetismo, que conseguiu a proeza de fazer o país bater todos os recordes econômicos negativos – Fernando Varela, Petrópolis, Rio de Janeiro (O GLOBO, 10/01/2016, p. 13).

Ruína econômica, inflação alta, perda de renda das famílias, endividamento recorde das pessoas, desemprego alto, juros altos, corrupção em nível industrial, pilhagem da Petrobrás, fundos de pensão de estatais destruídos, saúde em estado lastimável, educação pública deplorável, criminalidade exacerbada, dengue em expansão, chicungunha, vírus zika e microcefalia. Esse é o legado petista deixado por Lula e Dilma Rousseff para os brasileiros, após 13 anos de desgoverno – Francisco Manoel Goulart de Paula (O GLOBO, 24/01/2016, p. 17).

É interessante perceber como muitas cartas dos leitores associam o “Lulopetismo” à falência da Petrobrás. Esse discurso midiático é interiorizado sem se questionar se o quadro da empresa seria mesmo de falência ou se estaria relacionado a

DISCURSOS CONTRA LULA E O PT:

possíveis intenções de privatização. Não foram encontradas cartas que apresentassem outra perspectiva em relação ao caso da Petrobrás. Esse aparente consenso entre os leitores de *O Globo* sobre temas que são conhecidos como foco de polarização do debate público revela a prioridade do jornal em selecionar conteúdos relacionados a uma única perspectiva, que é a de condenação do PT pela deterioração da empresa.

Como diria o macaco “eu só queria entender”. Segundo a mídia, a Petrobrás “vale” (pois todo dia cai um pouco) R\$70 bilhões e deve R\$ 550 bilhões (que todo dia aumenta). Quase oito vezes seu patrimônio. Se eu estivesse numa situação desta já teria pedido falência. Então, nem privatizá-la o governo conseguirá. Quem vai comprar uma dívida? Só um burro. Sugiro oferecê-la a quem votou no PT nas últimas eleições. Companheiro ajuda companheiro – Iria de Sá Dodde, Rio de Janeiro (O GLOBO, 24/01/2016, p. 17).

Especialistas cansaram de afirmar serem as petrolíferas o melhor negócio do mundo, quando bem administradas. O lulopetismo inovou, ao tornar um péssimo negócio uma petrolífera, quando colocaram a Petrobrás como o segundo maior caso mundial de corrupção, conforme julgamento internacional – Carlos Antonio Nogueira Filho, Rio de Janeiro (O GLOBO, 14/02/2016, p. 15).

Misericórdia pouca é bobagem. Além de arrasar com a Petrobrás e os fundos de pensão das estatais, a política de irresponsabilidade fiscal típica de governos socialistas arrombou também o FGTS. [...] – Joyce Coutinho, Rio de Janeiro (O GLOBO, 13/03/2016, p. 17).

Como se lê na última carta, o PT é vinculado a governos socialistas ou “pseudosocialistas” e a países como a China e a Venezuela, compreendidos pelos leitores de *O Globo* como ditaduras. Logo, há uma associação entre regimes considerados socialistas ou comunistas e regimes autoritários, categoria na qual supostamente o PT se enquadraria:

Ou o povo tira o PT e PMDB do governo através do voto, em 2018, ou corremos grave risco de virarmos uma colônia chinesa. E no final, esta turma que saqueou o Brasil vai gastar o que roubaram em outro país e ficaremos aqui, batendo continência para chineses – Jorge Gomes Pinheiro, Rio de Janeiro (O GLOBO, 03/01/2016, p. 13).

Na Venezuela, execrados líderes que outrora tentaram afundar o país na lama a corrupção em direção à ditadura, sendo representados por vistosos outdoors enfeitando as repartições públicas, hoje estão vendo suas representações arrastadas pelos corredores em direção aos porões da História, para serem esquecidos. No Brasil, líderes representados por bonecos inflados estão sendo carregados pelas ruas e praças pelo povo, para jamais serem esquecidos e repetidos – Elizio Nilo Caliman, Brasília (O GLOBO, 20/03/2016, p.17).

Por fim, as cartas dessa temática demonstram, mais uma vez, a associação inquestionável entre o PT e a corrupção. O partido é unilateralmente culpado pela descrença ou desmoralização política no país, como se a “reserva moral” tão propalada pela esquerda finalmente tivesse se esgotado. Assim como se verificou nas cartas especificamente sobre Dilma ou sobre Lula, o PT chega ao ponto de ser tratado como uma organização criminosa, formada de mafiosos e bandidos.

[...] O real é um crime de estelionato eleitoral. Há um paralelo com o argumento de que o caixa 2 do mensalão era para ajudar o PT e não para enriquecimento pessoal, algo desmontado pela Lava-Jato. Enfim, a linha de ética do PT é no mínimo tortuosa. A vergonha é o tributo que o pecado paga à virtude, e nisso o PT, faz tempo, é sonegador. O PT deixou o Brasil no osso – Marcelo Morgado, São Paulo (O GLOBO, 20/12/2015, p. 19).

[...] Isso é mais uma ofensa do lulopetismo ao povo brasileiro. A falta de vergonha da organização criminosa que habita o governo não tem limites. O país atravessa uma crise econômica gravíssima, e a única coisa que passa pela cabeça dos petistas é escapar das grades. Um governo apodrecido, sem rumo e desmoralizado pela corrupção tenta um último golpe para permanecer no poder. O povo deve reagir a mais esse acinte – Francisco Manoel Goulart de Paula, Rio de Janeiro (O GLOBO, 20/03/2016, p. 17).

Também são exibidas cartas supostamente de uma geração que acreditou no PT, mas se decepcionou com os rumos do partido. Poderiam ter sido jovens que viveram a reabertura política e deram seu primeiro voto a Lula, mas que hoje, inconformados com as denúncias de corrupção que envolvem governos petistas – e sem o cuidado de averiguar as fontes de informação dessas denúncias –, passam a apoiar a luta pela moralização do país, tendo em vista que “a esperança” na estrela vermelha fora derrotada pela “corrupção”.

Tudo o que está acontecendo é muito triste. O binômio Lula & PT desapontou toda uma geração que não teve “medo de ser feliz” e acreditou que era possível se fazer política com ética, sem a prática do “eu dou para receber depois”. Foi uma covardia sem tamanho feita com todos nós, que achávamos que Lula e o PT não se venderiam, nem se deixariam picar pela mosca azul do poder. São legítimas e absolutamente necessárias todas as averiguações em andamento da Lava-Jato, bem como os demais processos em curso. Em se provando crime, cadeia para todos. [...] – Antonio Augusto de Aquino e Castro, Rio de Janeiro (O GLOBO, 13/03/2016, p. 17).

Poucas pessoas têm a oportunidade de realizar na vida adulta sonhos da juventude. Fico estarecida quando vejo que as pessoas que hoje governam o Brasil são as mesmas que foram presas e torturadas porque lutavam para ter um país mais justo. Muitas delas estão presas ou indiciadas por

DISCURSOS CONTRA LULA E O PT:

envolvimento em algum escândalo de corrupção. Será que o poder corrompe tanto? Na solidão de uma cela, ou mesmo na leitura diária de um jornal, não bate remorso pensar que milhões desviados causaram tantas mortes por falta de hospitais, destruição de casas pela favelização das cidades etc? Talvez, quem sabe, uma reflexão dos governantes seria um belo caminho para a tão esperada e alardeada justiça social – Margarida C. Khauaja, Rio de Janeiro (O GLOBO, 14/04/2016, p. 17).

As cartas indicam a coroação do PT como o maior símbolo de envolvimento com a corrupção no país e insinuam uma relação entre o excesso de gastos públicos x governos socialistas e corrupção estatal x governos socialistas. Em tese, o PT teria adotado medidas de gastos excessivos no país, que teriam gerado a crise, além de participar dos maiores casos de corrupção da história.

UMA POSSÍVEL EXPLICAÇÃO PARA A GÊNESE DO ÓDIO: APOROFOBIA, LULISMO E ANTIPETISMO

Para compreender o ódio destinado ao ex-presidente Lula evidenciado nas cartas dos leitores, será abordado o conceito de aporofobia, que significa em linhas gerais, o medo dos pobres. Esse conceito pode ser uma das chaves explicativas para a construção do ódio à figura política de Lula, seja pela sua origem social, seja pela prioridade política e econômica que destinou ao segmento mais popular do país durante seus mandatos como presidente da República.

Segundo Navarro (2002), o termo aporofobia vem das palavras gregas *áporos*, que significa pobre, escasso de recursos, sem alternativas, e *fobia*, medo, e tem sido um conceito pouco estudado, mas que serve para nomear um sentimento ainda difuso de “rejeição ao pobre, ao desamparado, ao que precisa de alternativas, ao que carece de meios e recursos” (NAVARRO, 2002, p. 17, tradução nossa)⁵. Essa expressão foi cunhada por Adela Cortina, na década de 1990, para indicar a repugnância que pessoas com boas condições de vida têm em relação aos pobres.

Esse sentimento e atitude de medo e rejeição em relação aos mais necessitados são adquiridos socialmente a partir da difusão dos discursos que vinculam pessoas com poucos recursos financeiros à delinquência e a uma suposta ameaça à estabilidade e à ordem. Tendo em vista a situação de vulnerabilidade social pela qual passam, fica muito

⁵ “rechazo al pobre, al desamparado, al que carece de salidas, al que carece de medios o de recursos”.

difícil que as pessoas empobrecidas consigam defender-se da culpabilização que lhes é feita por estarem nessa condição. O mecanismo psicológico que alimenta a aporofobia, portanto, é a generalização apressada, isto é, o preconceito.

Navarro busca entender porque nas sociedades ocidentais a aporofobia é um sentimento que tem se alastrado tanto e uma de suas explicações é que a pobreza é uma situação de desamparo social de responsabilidade de todos os segmentos da sociedade. Essa percepção pode gerar reações ambivalentes, desde o engajamento social ou desprezo pelos pobres, como explica a seguir:

[...] enquanto algumas pessoas reagem positivamente, de forma proativa, comprometendo-se com atividades de reforma social para tornar o mundo cada vez mais justo, outras pessoas reagem de forma negativa, reativamente, desprezando e culpando os próprios pobres por sua situação de marginalização e colocando sobre eles todos os tipos de rótulos pejorativos (NAVARRO, 2002, p. 18, tradução nossa).⁶

O que alimenta a aporofobia é justamente a visão preconceituosa de que os pobres são culpados pela miséria que os atinge. Navarro explica que, embora possa haver, em alguns casos, alguma responsabilidade por parte do indivíduo para se chegar a uma situação de pobreza, na maioria das vezes, as causas são totalmente alheias à vontade dessas pessoas. O autor ainda reforça que, independente das causas, esse segmento social precisa de amparo para suprir suas necessidades e não ser abandonado à própria sorte. Ele assim concluiu:

Em suma, podemos dizer que parte do que cada pessoa consegue ou deixa de conseguir na vida é uma questão de oportunidades que surgem, enquanto outra parte é a responsabilidade (mérito ou demérito) de cada uma. Portanto, culpar as pessoas que estão em situação de pobreza ter chegado a essa situação é, sem dúvida, uma generalização injusta (NAVARRO, 2002, p.19, tradução nossa)⁷.

Outra questão relacionada à aporofobia é que, na sociedade capitalista, baseada nas relações de troca, os pobres não possuem disponibilidade financeira para consumir.

⁶ “mientras que algunas personas reaccionan positivamente, proactivamente, comprometiéndose en tareas de reforma social para hacer un mundo cada vez más justo, otras personas reaccionan negativamente, reactivamente, despreciando y culpando a los pobres mismos de su situación de marginación y colgando sobre ellos todo tipo de etiquetas peyorativas”.

⁷ “En síntesis podríamos decir que una parte de lo que cada cual consigue o deja de conseguir en la vida es cuestión de oportunidades que se le presenten, mientras que otra parte es responsabilidad (mérito o demérito) de cada uno. Por tanto, culpar a las personas que están en situaciones de pobreza de haber llegado a esa situación es, sin lugar a dudas, una injusta generalización”.

DISCURSOS CONTRA LULA E O PT:

Dessa forma, são excluídos, marginalizados e deixam de ter a consideração de que necessitam justamente porque estão fora da esfera das trocas comerciais. “Supostamente, aqueles que não têm nada de interessante para oferecer, merecem a exclusão e o desprezo que eventualmente recaem sobre eles” (NAVARRO, 2002, p. 20, tradução nossa)⁸. Soma-se à sua exclusão do mercado de consumo a sua anterior exclusão do mercado de trabalho por baixa qualificação. Assim, conforma-se, primeiramente, um “exército de reserva de mão de obra”, que garante a baixa remuneração da força de trabalho e a manutenção do estado de pobreza. Em um segundo momento, tal contingente de pessoas desempregadas ou subempregadas passam a ser vistas como uma ameaça à segurança daqueles que usufruem de uma melhor condição de vida.

Diante desses elementos, o autor afirma ser a aporofobia um componente importante para o surgimento de regimes totalitários e de ódio. Ele diz que não há empobrecimento maior a que se possa submeter alguém do que excluí-lo do mundo dos vivos e que a aporofobia mais perigosa é aquela que cogita eliminar do convívio social todos que são considerados um estorvo para os poderosos. Assim, “Os totalitarismos de todos os tipos são profundamente aporófobos. E as atitudes aporófobas são um ingrediente necessário aos totalitarismos” (NAVARRO, 2002, p. 20, tradução nossa)⁹.

Não é à toa que durante as manifestações a favor do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff muitos manifestantes colocavam-se, de modo muito enfático, contrários a diversos programas de inclusão social, entre eles, o Bolsa Família, por ser considerada uma forma de “sustentar vagabundos”. A relação entre a aporofobia e os programas de inclusão sociais executados durante os governos petistas no Brasil foi tratado por Andrade (2008). Ele afirma que esses programas de inclusão dos pobres, como o Fome Zero e o Bolsa Família, sempre foram recebidos com dúvidas e ironias pela mídia, empresários e até mesmo intelectuais. Diz ainda que os políticos de oposição trataram

⁸ “Supuestamente, quienes no tienen nada interesante que ofrecer, se merecen la exclusión y el desprecio que eventualmente se les venga encima”.

⁹ “los totalitarismos de todo signo son profundamente aporófobos. Y las actitudes aporófobas son un ingrediente necesario en los totalitarismos”.

essas iniciativas como “mera demagogia, populismo, assistencialismo, repetição ou equívoco” (ANDRADE, 2008, p. 135)¹⁰.

Em análise da Revista Veja, Andrade identificou que o periódico falava do Programa Fome Zero como uma esmola e que a população precisava de oferta de emprego e trabalho e não de caridade. Colunistas da revista escreviam insistentemente que “o governo é inerte, que os programas não funcionam, que geram dependência, alimentam uma casta parasitária entre os pobres e, além disso, não alcançam aqueles que realmente precisam disso” (ANDRADE, 2008, p. 136, tradução nossa)¹¹.

Evidencia-se, mais uma vez, a aporofobia em um país como o Brasil repleto de desigualdades sociais, em que é bastante comum a máxima de que os pobres são pobres porque não trabalham. Embora haja um senso comum de que os pobres mereçam oportunidades para sair de sua condição de pobreza, há também um sentimento bastante disseminado de que nem todos merecem auxílio, pois talvez a maioria seja mesmo preguiçosa e parasitária.

Dessa forma, o conceito de aporofobia é uma das chaves explicativas para compreender a construção do ódio aos governos petistas no que tange à implantação de programas de inclusão social. Detidamente, em relação à reiteração do ódio a Lula, uma primeira explicação, relacionada à aporofobia, é justamente o perfil do ex-presidente:

[...] deve-se lembrar de que o presidente Lula é o primeiro chefe de Estado no Brasil que não tem educação superior, talvez um dos poucos na história recente dos grandes países. Lula é filho da pobreza. Foi operário, sindicalista e depois deputado. Ele tentou chegar à presidência por 16 anos e só conseguiu na quarta tentativa depois de muitas mudanças em sua própria imagem, que agora é mais serena, conciliadora e não tão militante como antes. Sua trajetória é muito diferente da dos outros presidentes que o Brasil já teve (ANDRADE, 2008, p. 136, tradução nossa).¹²

O perfil do ex-presidente acirrou o ódio das velhas elites brasileiras, que por sua vez influenciaram amplos setores da classe média e até mesmo segmentos mais

¹⁰ “mera demagogia, populismo, asistencialismo, repetición o equívoco”.

¹¹ “el gobierno es inerte, que los programas no funcionan, que generan dependencias, que alimentan una casta parasitaria entre los pobres y, que además, no llegan a los que verdaderamente necesitan”.

¹² “hay que recordar que el presidente Lula es el primer jefe de Estado em Brasil que no tiene estudios superiores, quizás uno de los pocos en la historia reciente de los grandes países. Lula es hijo de la pobreza. Fue operario, sindicalista y después diputado. Ha intentado llegar a la presidencia durante 16 años y sólo ha logrado en la cuarta tentativa después de muchos cambios en su propia imagen, que ahora es más serena, conciliadora y no tan militante como antes. Su trayectoria es muy distinta a la de los otros presidentes que tuvo Brasil”.

DISCURSOS CONTRA LULA E O PT:

populares. Poderia-se pensar que sua trajetória de superação o elevaria à condição de um baluarte da meritocracia; mas, para os que alimentavam o ódio ao ex-presidente da república, seu êxito não era fruto de seu trabalho nem de seus talentos, mas de algo como “oportunismo”, numa condenação prévia a toda organização sindical. O fato de não ter a educação formal completa era mais um fato para as elites descredenciá-lo, o que foi acompanhado, muitas vezes, por membros da classe trabalhadora que confirmavam o discurso dos patrões.

Outra questão complexa que se coloca nesse debate consiste no que significou, historicamente, os governos de Lula no Brasil, ou ainda mais especificamente, o fenômeno caracterizado como lulismo. Evidentemente, este artigo não pretende aprofundar nessa temática, mas apenas indicar alguns elementos que ajudam a compreender a construção do ódio que transparece nas cartas dos leitores no período *pré-impeachment* de Dilma Rousseff e que se relacionam com a figura do ex-presidente Lula.

Na reflexão sobre esse assunto, será utilizada a análise de Perry Anderson (2011) para interpretar historicamente os governos de Lula. Ele apresenta três concepções distintas que aparecem no país para compreender o fenômeno do lulismo. Uma delas vem de Fernando Henrique Cardoso (FHC) e seus seguidores, que ainda dominam a opinião midiática no país. Para esse segmento, Lula representa uma tradição política retrógrada do continente e “seu governo sendo apenas outra variante do populismo demagógico de um líder carismático, que despreza tanto a democracia quanto a civilidade, comprando o favor das massas com caridade e bajulação” (ANDERSON, 2011, p.32).

Essa vertente compara Lula a outros governos tidos como populistas, como o do ex-presidente do Brasil Getúlio Vargas, considerado “pai dos pobres”, ou ainda o de Juan Domingo Perón, ex-presidente da Argentina. O lulismo seria, na visão de Fernando Henrique Cardoso, uma espécie de subperonismo. Para Anderson (2011), essa conduta pode ser explicada pelo fato de o carisma popular de Lula ter ofuscado seu antecessor, FHC. O autor busca ainda apresentar diferenciações entre Lula e os presidentes citados:

A retórica de Vargas era paternalista e sentimental, a de Perón, exaltada e agressiva, e sua relação com as massas era bem distinta. Vargas construiu seu poder incorporando trabalhadores recém-urbanizados no sistema político, como beneficiários passivos de seus cuidados, com uma legislação

trabalhista protecionista e uma sindicalização castrada de cima para baixo. Perón os galvanizou como combatentes ativos contra o poder oligárquico, com uma mobilização das energias do proletariado em uma militância sindical que sobreviveu a ele (ANDERSON, 2011, p. 33).

Segundo o autor, os governos de Lula não envolveram questões como essas, pois sua ascensão está relacionada ao movimento sindical e a um partido político mais moderno e democrático do que havia na época de Vargas e Perón, ainda que no período de sua eleição o PT, de forma geral, já tivesse se reduzido a uma máquina eleitoral. Lula no poder não mobilizou nem aclamou seu eleitorado. Além disso, “tampouco as formas de clientelismo características do populismo clássico foram reproduzidas” (ANDERSON, 2011, p. 33). Segundo o autor, o Bolsa Família, por exemplo, foi projetado para ser administrado de forma de forma impessoal, livre dos sistemas de clientelismo.

A segunda vertente de análise do lulismo mencionada por Anderson é a do cientista político André Singer, que relacionou o protagonismo de Lula à psicologia dos pobres brasileiros, entendidos como um subproletariado que representa 48% da população. O autor afirma que esse segmento é movido por dois sentimentos principais: “a esperança de que o Estado possa moderar a desigualdade, e o medo de que os movimentos sociais possam gerar a desordem” (ANDERSON, 2011, p. 34). A instabilidade é muito temida pelas pobres, independentemente de sua forma, que pode ser a luta armada ou o aumento da inflação. Anderson afirma que a esquerda não compreendeu isso e a direita capturou muitos desses votos para o conservadorismo.

Em seu início de governo, em 2002, Lula entendeu que a população mais pobre, como ambulantes e moradores de favela, também precisava de garantias de que seu governo não seria radical. Esse público foi conquistado e, em 2006, a classe média o abandonou enquanto o subproletariado votou nele em massa. “Quando concorreu pela primeira vez ao cargo em 1989, Lula teve 51,7% do eleitorado na próspera região Sul do país, e 29,5% no Nordeste esfomeado; em 2006, ele perdeu no Sul com 46,5%, e arrebanhou o Nordeste com 77,1% dos votos” (ANDERSON, 2011, p. 34).

A ortodoxia econômica de Lula em seu primeiro mandato respondia mais às necessidades dos pobres do que a dos trabalhadores do setor formal, pois os primeiros tendem a ter mais dificuldades de sobreviver a períodos inflacionários e percebem as greves como uma ameaça à vida cotidiana. Por meio do projeto de estabilidade

DISCURSOS CONTRA LULA E O PT:

econômica e expansão do mercado interno, Lula demonstrou sensibilidade quanto ao temperamento das massas quanto à cultura política do país.

A mídia brasileira, porém, sempre atuou no sentido de criticar Lula em seus governos. Para Anderson (2011), sua popularidade significou uma perda de poder desse segmento, visto que tradicionalmente os donos da imprensa sempre tiveram papel determinante na escolha dos candidatos à presidência do país. “O relacionamento direto de Lula com as massas interrompeu esse ciclo, minando o papel da mídia na formação do cenário político. Pela primeira vez, um governante não dependia dos proprietários da mídia, daí o rancor da parte deles” (ANDERSON, 2011, p. 36-37).

Outro fator explicativo para o ódio direcionado contra Lula pelas classes médias tradicionais do país ligava-se à perda de *status* desta – mais do que de poder efetivo, o qual a classe média nunca teve. Anderson explica de forma muito clara a origem da construção desse ódio ao ex-presidente:

Não apenas o presidente era agora um ex-operário sem instrução, cuja gramática surrada já era lendária, mas sob seu governo empregadas domésticas, porteiros e trabalhadores braçais, de fato, praticamente toda extração da ralé, estavam agora adquirindo bens de consumo até então privilégio dos instruídos, e mesmo adquirindo orgulho em seu dia a dia. Para boa parte da classe média, tudo isso os irritava profundamente: a ascensão de sindicalistas e funcionários significava que eles estavam sendo rebaixados. O resultado tem sido um surto agudo de “demofobia”, como o colunista Élio Gaspari, um crítico enérgico dessa tendência, apelidou a reação. Juntos, a mistura de humilhação política entre os proprietários dos meios de comunicação e editores e o ressentimento social entre os leitores resultaram numa quase sempre bizarra ladainha acrimoniosa de antilulismo, estranha à qualquer senso objetivo de interesse de classe (ANDERSON, 2011, p. 37).

Na prática, o capital prosperou muito no governo Lula. A classe média se beneficiou com as altas taxas de juros para o rendimento da poupança e a concentração fundiária foi ampliada. Em torno de 25 milhões de pessoas passaram à categoria de classe média. Em contrapartida, gastos com o Bolsa Família representaram apenas 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB). Ainda assim, a perda de *status* da classe média diante dos chamados “emergentes” foi um forte fator para a criação da hostilidade em relação ao Lula.

A terceira e última vertente de análise do lulismo apresentada por Anderson parte do sociólogo Chico de Oliveira e se concentra na relação de Lula com a massa de seu eleitorado. Um parâmetro usado por ele na compreensão do lulismo foi o momento da

história mundial do capital em que ele chegou ao poder. Com a mais recente onda da revolução tecnológica, houve uma mudança da acumulação para o setor financeiro e para a extração de recursos naturais, beneficiando bancos e setores do agronegócio para exportação, o que ocasionou um desvio dos investimentos na produção e recolocou o Brasil de volta no ciclo de dependência da exportação de produtos do setor primário.

Outro parâmetro utilizado na análise foi a forma como o lulismo se adequou à nova dinâmica do capital, que consistiu na transformação das estruturas a partir das quais ele surgiu, ou seja, dos partidos e dos sindicatos:

Sindicalistas se tornaram os administradores de algumas das maiores concentrações de capital do país, cenário de lutas ferozes pelo controle ou expansão entre predadores concorrentes. Militantes se transformaram em funcionários desfrutando, ou abusando, das vantagens que seus cargos lhes ofereciam (ANDERSON, 2011, p 40).

Na visão de Chico de Oliveira, “no lulismo, os dominados haviam invertido a fórmula, obtendo o consentimento dos dominadores para sua liderança da sociedade, apenas para ratificarem as estruturas de sua própria exploração (ANDERSON, 2011, p. 40)”. Ainda que poucos intelectuais apontassem para o pacto com o capital – daí a disseminação da expressão “o silêncio dos intelectuais” - os críticos de esquerda mais radicais, como Chico de Oliveira, anteviam o “calcanhar de Aquiles” dos governos petistas.

No ensaio O Ornitorrinco (2003), o sociólogo trata do impasse civilizatório do "moderno", cuja marca no século XXI é o fracasso do projeto de desenvolvimento da periferia. Oliveira compara o capitalismo que se desenvolveu no Brasil ao ornitorrinco, animal dotado de bico de pato, mas considerado ao mesmo tempo réptil, pássaro e mamífero, e utiliza essa metáfora para caracterizar o impasse evolutivo da nação, que convive com o arcaico e o moderno. Ele não acredita mais ser possível superar esses impasses por meio do modelo desenvolvimentista utilizado no passado e explorado pelos governos petistas.

O ornitorrinco é isso: não há possibilidade de permanecer como subdesenvolvido, e aproveitar as brechas que a Segunda Revolução Industrial propiciava; não há possibilidade de avançar, no sentido da acumulação digital-molecular: as bases internas da acumulação são insuficientes, estão aquém das necessidades para uma ruptura desse porte. Restam apenas as “acumulações primitivas”, tal como as privatizações propiciaram: mas agora com o domínio do capital financeiro, elas são apenas transferências de patrimônio, não são, propriamente falando, “acumulação”.

DISCURSOS CONTRA LULA E O PT:

O ornitorrinco está condenado a submeter tudo à voragem da financeirização, uma espécie de “buraco negro”: agora será a previdência social, mas isso o privará exatamente de redistribuir a renda e criar um novo mercado que sentaria as bases para a acumulação digital-molecular. O ornitorrinco capitalista é uma acumulação truncada e uma sociedade desigualitária sem remissão (OLIVEIRA, 2003, p. 150).

Em que pesem consideráveis diferenças nas três vertentes de análise acerca do lulismo, nota-se que em todas elas existe uma relação umbilical entre Lula e as camadas pobres do Brasil, elemento significativo para compreender o porquê de o ex-presidente ser um alvo tão forte do ódio das elites e camadas médias da população. Na visão de Ab’Sáber (2015), o ódio que se expressou nas ruas contra o PT resultou em parte da tentativa de anular essa relação até mesmo sentimental entre Lula e os pobres:

O ódio brutal que se expressa hoje nas ruas do país contra o PT é também a tentativa astuciosa e igualmente mágica, baseada em grandes emoções e na redução calculada da linguagem, de anular e esvaziar os motivos encantatórios daquele monumental amor dos brasileiros pelo ex-Presidente (AB’SÁBER, 2015, p. 11).

A fim de concluir a reflexão contida neste item, será feita uma breve consideração sobre o antipetismo bastante evidenciado no período pré-*impeachment* de Dilma Rousseff. Para realizar esses apontamentos, será retomada a análise de Ab’Sáber (2015), que busca fazer uma relação entre o antipetismo e o anticomunismo no Brasil contemporâneo. Em sua visão, com o realinhamento do grande capital contra o governo de Dilma Rousseff, setores médios conservadores, antipetistas por tradição e anticomunistas pela natureza retrógrada brasileira, deixaram de expressar no âmbito privado seus ressentimentos contra o relativo sucesso dos governos petistas e passaram a publicizá-los na medida em que as falhas da gestão petista ganhavam o conhecimento público. “Antipetistas indignados com a corrupção do outro, e anticomunistas do nada, tomaram as ruas para produzir o texto para os grandes conglomerados de mídia nacionais repercutiram, o que ocorreu, em tempo real” (AB’SÁBER, 2015, p. 36).

Esse autor afirma que a antiga ideia do “perigo comunista” estava vigente de uma forma importante no Brasil e, em parte, sequer imaginada com tanta força pelos setores progressistas, sendo pano de fundo das ações de rua dos setores médios e classes altas no país recentemente. Essa mesma justificativa do anticomunismo havia sido responsável pela instauração de duas ditaduras no país durante o século XX e várias em

países latino-americanos, sendo retomada quando algum governo no continente almejou a realização de medidas de benefício popular. Ab'Sáber (2015, p. 37) explica de maneira bem clara o uso do recurso discursivo anticomunista:

[...] o anticomunismo sobrevive magicamente no Brasil de hoje como uma espécie de imagem de desejo, para a grande simplificação interessada da política que ele de fato realiza. Ele mantém o discurso político em um polo muito tenso e extremo de negatividade à qualquer realização democrática ou popular de governo; ou melhor, ele é contra qualquer realização que desvie a posse imaginária do Estado de seus senhores, imaginários, de direito.

Sendo assim, o antipetismo seria um velho anticomunismo “disfarçado”. O ódio contra o PT remonta à velha tradição autoritária e oligárquica brasileira. O autor ainda reforça que durante todos os governos petistas a mídia fez questão de reproduzir ideias do senso comum, com linguagem agressiva, sobre um possível comunismo desses governos, ainda que a inserção das massas populares no mercado de consumo e de trabalho, um dos principais legados petistas, seja uma realização pró-mercado, capitalista. “O anticomunismo é estratégia extremada – ancorada no arcaico liberalismo conservador brasileiro, com fumos de fidalguia, as famosas raízes do Brasil, de origem ibérica e escravocrata” (AB’SÁBER, 2015, p. 37). Eis umas das razões para que o ódio seja evidenciado não apenas nas figuras de Dilma e de Lula, mas também do próprio PT.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou evidenciar os discursos de ódio contra o ex-presidente Lula e o PT a partir das cartas dos leitores do jornal *O Globo*, bem como apresentar alguns apontamentos sobre a gênese dessa intolerância. Para entender o ódio direcionado ao ex-presidente Lula, optou-se por utilizar o conceito de aporofobia, o medo e rejeição aos pobres. As classes altas reproduzem esse sentimento pelo fato de acharem que os pobres são sinônimos de delinquência e ameaça à estabilidade. Não raro, culpabilizam-nos por sua condição de pobreza, pois é como se eles próprios fizessem por merecer a condição na qual se encontram, e não que sua situação seja fruto, na maioria das vezes, de condições socioeconômicas estruturais. Pelo fato de a origem social de Lula estar

DISCURSOS CONTRA LULA E O PT:

vinculada à pobreza, bem como por ele ter impulsionado um conjunto de programas sociais de inclusão desse segmento, há um direcionamento do ódio à sua pessoa.

O fenômeno do lulismo é entendido pelo vínculo, sem mediações, de Lula com os setores mais populares, ultrapassando as barreiras dos conglomerados midiáticos, numa relação quase inédita na história do Brasil, em que pesem algumas tentativas de comparação com o getulismo que, contudo, são bastante frágeis. Sua política de inserção dos setores populares no mercado de consumo despertou um grande incômodo dos setores conservadores do Brasil, tendo em vista que os setores médios se viram ameaçados pela perda de status. Por isso, o ódio a Lula, concluiu-se, é um ódio ao popular, seja por sua origem de classe, seja por suas medidas de governo em benefício desse segmento ou ainda pela forte liderança carismática exercida nesse setor.

No que se refere ao ódio ao PT, avaliou-se que ele estaria relacionado ao ódio às esquerdas e ao comunismo. O antipetismo retratado nas cartas está relacionado ao anticomunismo, já utilizado em momentos da história do Brasil para conter governos que adotaram algumas medidas populares. Como a ameaça comunista parece ser ainda muito viva na memória do país, ela se traveste de antipetismo na atualidade, o qual precisa também ser combatido e exterminado. Uma das formas de isso ser feito é, novamente, pela degradação moral desse partido, considerado, em outros momentos históricos, um reduto de ética da esquerda brasileira.

Evidencia-se, dessa forma, um ódio às esquerdas de maneira geral, seja pela articulação dos governos petistas a outros regimes considerados socialistas, como China, Venezuela e Cuba, seja pelo combate à ameaça comunista (petista) em virtude das medidas de cunho popular adotadas por esses governos. Esse ódio à esquerda em geral é fruto de sua associação unilateral a imagens de regimes totalitários, sendo que as conquistas trabalhistas, oriundas das lutas dos movimentos sociais e sindicais, não parecem conseguir se associar a esse campo político.

Soma-se a isso a perspectiva de Souza (2016), quando o mesmo fala das virtudes do mercado, formado por pessoas honestas, cujo único crivo é o mérito, o talento e o esforço. É como se o ódio às esquerdas e aos países considerados socialistas convivessem com o elogio ao modelo americano do *way of life*, visto como uma sociedade justa e isenta de crises e conflitos bélicos em todo o mundo. Apresenta-se o

desejo de viver em um paraíso moral no Brasil, sob uma ética do livre consumo. Dessa forma, apenas a possibilidade de qualquer tipo de regulação estatal – lembrando que o Estado é percebido como o reduto da corrupção – acirra os ânimos das elites e dos setores médios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, Tales. **Dilma Rousseff e o ódio político**. São Paulo: Hedra, 2015.

ANDERSON, Perry. O Brasil de Lula. **Novos estudos**, São Paulo, edição 91, v. 30, n. 3, p. 23-52, nov. 2011. Disponível em: <<http://novosestudos.uol.com.br/produto/edicao-91/>>. Acesso em: 27 set. 2017.

ANDRADE, Marcelo. ¿Qué es la “aporofobia”? Un análisis conceptual sobre prejuicios, estereotipos y discriminación hacia los pobres. **Agenda Social**, Campos dos Goytacazes, v. 2, n. 3, p.117-139, out./dez. 2008.

NAVARRO, Emilio Martínez. Aporofobia. In: Jesús Conill (Coord.). **Glosario para una sociedad intercultural**. Valencia, Bancaja, 2002, p. 17-23.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 2016.

_____, 07 de fevereiro de 2016.

_____, 14 de fevereiro de 2016.

_____, 06 de março de 2016.

_____, 13 de março de 2016.

_____, 27 de março de 2016.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista/O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe**: entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

Recebido em 07/08/2018

Aprovado em 14/11/2018